

# O Castanheirense

Fundador: DR. JOSÉ FERNANDES DE CARVALHO

AVENÇA

Jornal Regionalista—Por Castanheira de Pêra e Região

ANO IX	Redacção, Administração e Oficinas Castanheira de Pêra — Telefone 16	Director e Editor: Adriano José Sebastião Coelho	Propriedade das Of. Gráficas da Ribeira de Pêra, Lda Chefe da Redacção: António Maria Saraiva	N.º 289
-----------	---	---	--	------------

## "Portugal — é a terra de todos nós,"

—Afirmou o Senhor Embaixador do Brasil

O Brasil, é para mim, uma Nação muito curiosa, muito original e, sobretudo, é um País muito culto.

Será difícil explicar esta minha tão grande admiração por essa terra descoberta por Pedro Alvares Cabral. Apenas posso dizer que o Brasil e Portugal procuram um reencontro de novas ideias, de novos horizontes para um futuro próximo serem úteis ás gerações actuais que estudam com o fim de servirem as duas Pátrias.

Há tempos, quando tive a honra de ser recebido por Sua Excelência o Embaixador do Brasil, Dr. João Neves da Fontoura, este distinto diplomata mostrou-me o interesse e a sua admiração por Portugal. Dias antes de o entrevistar estivera em Alcobça. A propósito desta visita, o Sr. Embaixador disse-me:

—Tive as melhores impressões possíveis, sobre Alcobça. Também nasci na província e sei avaliar a grande poesia que possuem os logares pequenos. Em Alcobça, tudo ainda se engrandece pelo prestígio várias vezes secular da sua Abadia, que é, sem favor um dos mais belos monumentos do Mundo.

Comoveu-me, profundamente a homenagem recebida pelo Povo de Alcobça. Evocou-me saudosamente a fisionomia das festas regionais da minha própria Terra. Por vezes — tanta influência de Portugal em nossa formação brasileira — tive a impressão de estar na minha Terra. Não sei bem se digo mal — minha terra pois, Portugal é a terra de todos nós. O Brasil recebeu em Alcobça uma verdadeira consagração popular. Alcobça, significou ao Brasil, em nome de 8 séculos da História Portuguesa, — a estima e o carinho de toda esta velha e gloriosa Nação.

O Brasil, é uma grande Nação, que já nasceu; esperançosa e cheia de vida.

O céu derrame sobre êle as suas bênçãos, e o eleve ao maior gráu de civilização e de poder!

Ainda há poucos dias tivemos o prazer de estar em contacto na elegante festa, na Tapada das Necessidades, onde portugueses e brasileiros, juntaram os seus pensamentos numa união forte e secular.

Luis Bonifácio

### GRUPO EXCURSIONISTA

#### «Os Amigos de Peniche»

Passou por esta vila o grupo excursionista «Os Amigos de Peniche», que é chefiado pelo nosso conterrâneo sr. Alberto Luiz de Macedo, residente em Lisboa e do qual fazem parte os srs. Paulo Frazão, Armando Custódio e Manuel Henriques de Almeida.

Estes senhores visitaram a Casa da Criança Rainha D. Leonor, onde deixaram um donativo para aquela interessante obra de beneficência.

Estiveram também na nossa redacção a apresentar cumprimentos.

#### Festejos de verão

Convidam-se todos os fornecedores dos Festejos de Verão, para apresentarem urgentemente as suas contas a-fim-de serem conferidas e liquidadas, de maneira a conseguirse o apuramento geral.

#### Farinha de milho

A Comissão Reguladora tomou providências com referência ao fornecimento de farinha de milho e assim é que já se encontram moagens a funcionar para a farinhação de milho de auto abastecidos e á venda farinha de milho e centeio em quantidade bastante para satisfazer a todos.

## Aljubarrota à Restauração

(14-VIII-1385 a 1-XII-1640)

«São lindas as caravelas  
«Pelo Tejo a navegar,  
«Com suas velas latinas  
«Tão alvas que não tem par.

JOÃO BRAZ D'OLIVEIRA  
Portugal, pag. 53 - Lisboa, 1903

Ao dia, ingentissimamente glorioso de Aljubarrota, seguiu-se, irremediável e iniludível, por parte de Castela, a aceitação dos factos consumados.

A eleição do povo de Lisboa na pessoa de João, Mestre de Aviz, como Defensor do reino, atingira nas Côrtes, reunidas em Coimbra, o grau

de realêsa, agora incontestada pela retumbância da vitória e a firmeza intorneavel dos vencedores.

O Mestre, irmão do falecido monarca Fernando, era rei de Portugal.

Este facto já não admitia dúvida, embora houvesse ainda portugueses que o não reconhecessem como tal e se inclinassem ou mesmo pugnassem pela causa do vencido.

Para lá do mês de Agosto de 1385 a autonomia e arredondamento continental europeu da nacionalidade, cujas primícias não excediam os limites de simples condado, desmembrado do território lionês-castelhano, fôra obra levada a efeito, consecutivamente, por Afonso Henriques e seus imediatos sucessores, em dois periodos memoráveis.

O primeiro, desde o dia de Ourique até á hora do Algarve, avassalado, e o segundo a partir de então, com o descenso ao túmulo de Afonso o Bolonhês, e rematado com a subida ao trôno de João 1.º, Mestre de Aviz.

Aquêles dois periodos, no entanto, definiram-se numa só unidade: a família ou dinastia afonsina, que completou a fase iniciadora de conquista do solo aos muçulmanos pela fase politica de organização administrativa e cultural.

Coube por essa época aos nossos antepassados uma tarefa mais sólida e mais simpática do que a de batalhar. Meteram as espadas nas bainhas, como disse um saudoso escritor, e enlevaram-se na bela empresa de ordenação e arrumação pacificadora, impagável preparatório de porvir não distantissimo.

Deniz, que em seu activo legou uma universidade, arvoredado de construção, e uma ordem de cavalaria em que salvou os bens da do Templo, extinta; que cuidou do mar, contratando gente idônea, na Itália, para dirigente da navegação e foi pai do famoso Bravo, um dos heroicos triunfadores de Tarifa ou Salado, a quem Henrique Lopes de Mendonça, falecido erudito e oficial de marinha, faz esta referência em *Navegações dos Portugueses* (monografia impressa em 1929): «E' positivo que, logo no reinado seguinte, o de Afonso IV, se ensaiou a pericia dos neófitos navegantes numa expedição ás Canárias, cujos incidentes há cerca de cem anos (em 1827) se revelaram por acaso num relato coligido em Florença pelo autor do *Decamerone*, o ilus-

(Continua na 5.ª página)

### Contrastes

Lendo os jornais do Norte, verifica-se que estamos na época mais propicia ás Romarias e festas são anunciadas com os diversos pormenores e atractivos. Temos verificado que lá para o Norte, lindo cantinho de Portugal, há festas religiosas importantes, de Santos queridos e conhecidos em todo o resto do país e a par dessas festas de igreja, são atractivo principal as romarias e as suas folganças apropriadas.

Há danças, descantes, fogo e quanta serie mais de divertimentos e até os impagáveis—Cabeçudos—não deixam de prestar o seu concurso.

O povo, aquele bom povo de Portugal, de espirito são, folga e diverte-se á sua maneira.

Não nos consta que qualquer Banda de Música deixe de prestar a sua colaboração a essas romarias anunciadas como parte integrante de festas religiosas.

A harmonia é grande e apesar do grande volume de povo e das brigas que em tais casos se justificavam, a verdade é que nem o culto dos santos festejados perde, nem a ordem pública é prejudicada.

Mas isto é lá para o Norte de Portugal. Cá mais para baixo, para o centro, parece que estamos já em país diferente e as coisas correm de outra maneira.

Ha casos que conhecemos bem típicos e que denotam uma grande falta de visão e, quanto nós, tornam-se contraproducentes. Porque razão não poderá uma Banda de Música, depois de durante o dia ter abrilhantado uma festa religiosa, tocar á noite na praça da sua terra, para aprasimento do público? Que mal há nisso?

Não se compreende a interferência estranha em casos desta natureza, tanto mais que nos parece deve haver liberdade de acção para organismos desta natureza legalmente constituídos.

# Castanhas... da Castanheira

## Água e gente fresca

A falta de água é notória em todo o país. Nesta terra secaram fontes e algumas dsitam pouco. Mas ainda assim, apesar da falta de água existe também falta de escrupulo porque ainda há quem suje a pouca água da ribeira com... que para lá deitam.

## 'C'est fini la contra-danse'

Terminaram os chamados Festejos de Verão.

Mais uma vez se provou que todos se querem divertir e nenhuns ou poucos querem pagar.

E, mesmo estes últimos, ainda dizem para com os seus botões: «Ai, a minha vida a andar para trás!»

## Cursos de... corte

Há tão poucos alfaiates nesta!... Pelo menos «os melhores» só trabalham, cortando casacas ou na casaca. Para mais trabalham na sua oficina, ao ar livre, principalmente nos... bancos da praça, atendendo os «fregueses» que eles lá entendem.

## Lucros e perdas

O pessoal das fábricas esteve de férias. Passam muito bem, pelos vistos! Senão vejamos:

Nasce um filho a uma operária: «Subsídio de Nascimento»; o bebé tem nos primeiros meses «Subsídio de Aleitação». Os pais recebem pelo seu «cachopo» «Abono de Família». Se estão doentes recebem o «Subsídio de Doença». Se algum operário casa: «Subsídio de Casamento». Dificuldade quanto à habitação: «Subsídio de Renda de Casa» e se morre alguém de sua família ainda há o «Subsídio por Morte». Mas, se não morrerem ainda desta, podem receber o «Subsídio de Auxílio na Velhice» ou o de «Auxílio na Invalidez».

Depois disto tudo, umas fériaszinhas ainda.

E' ou não ter sorte? Pelo menos, se alguns fôssem mais poupados (o morangueiro é tão bom) poderiam fazer... Fortuna.

Oxalá, no entanto, que os nossos operários tenham gozado bem as férias!

## Calor!...

Há pouco tempo ainda realizou-se um pic-nic. Agora, esteve cá um grupo de campistas.

São efeitos do calor, concerteza. A não ser que andem fogidos às bombas atómicas, ou prefiram a paz e o repouso dos campos, ao «snobismo» e bulício dos já chamados «meninos atómicos» das cidades.

Esse & Esse

## PENSÃO FAMILIAR

Telefone 13

Almoços, Jantares, Pensão completa

Água corrente. Casa de banho

Eduardo Silva  
CASTANHEIRA DE PÊRA

# CAMPISMO

Num dos últimos números fizemos referência a um artigo publicado no «Diário de Notícias» sobre a Serra e o Santo António da Neve e, dias depois sob o título que acima esta local, vimos em «O Primeiro de Janeiro» a crónica que a seguir transcrevemos e pela qual mais uma vez se verifica que a Serra da Louzã, quer na parte correspondente àquele concelho quer no que diz respeito ao concelho de Castanheira de Pêra, tem esplendidas condições de turismo e sobretudo para campismo, como ainda há pouco aqui foi afirmado por um Grupo de Lisboa que aqui esteve acampado uns dias tendo passado pelo Santo António da Neve.

Tudo indica que devemos melhorar as condições naturais da região e ir preparando esta vila para o seu desenvolvimento turístico. Há muito a fazer mas se houver boa vontade, alguma coisa se pode conseguir. Porque se não cria em Castanheira de Pêra uma secção de turismo?

Se a Louzã é região de Turismo e Figueiró dos Vinhos também, porque o não será Castanheira de Pêra que entre ambas se encontra?

Seria bom que os verdadeiros amigos dêste concelho acordassem da sua sonolencia de anos e olhassem para as actuais realidades da vida.

Com boa vontade, tudo é possível.

Segue a transcrição do artigo em referência:

«20—A Serra da Louzã tentava-nos há muito, e, assim, organizada a caravana com campistas do Norte e do Sul—dezasseis componentes—iniciámos a marcha no dia 16

Bivacamos na Lourã, e, devido ao carinho que a Câmara e o Turismo nos dispensaram, pudemos fazê-lo na «Casa dos Artistas», de feliz e inteligente evocação. Em Coimbra eramos esperados por Viana de Lemos, alma de eleição e espírito desempoeirado a tódas as realizações da boa propaganda louzanense.

Pelo lindíssimo vale de Arouca, onde, em 1811, os soldados franceses pagaram caro a sua ousadia seguimos maravilhados por tanta a beleza até S. João, local onde não faltam motivos em que nossos olhos se extasiem em outros de imaginação simples da boa gente do nosso povo. Visitámos o Castelo de S. João, que localizado em sítio pe-

nhascoso, nos oferece panorama vasto de serras e vales até onde a vista alcança, além da curiosidade das suas velhinhas ameias que falam de esforço heroico de nossos avoengos.

Comido o almoço e refeitos por um descanso reparador, escalamos a vertente direita numa árdua ascensão, pondo-se à prova os recursos da nossa numerosa caravana.

Visitamos a central hidro-eléctrica da Ermida, onde a água fresca e puríssima foi uma benção naqueles pesperros e nos compensou dum marcha tão penosa, por terreno chistoso e falho de água. Eram 20 horas, quando avistámos Candal, onde julgávamos acampar.

Já há muito, tínhamos deixado para trás as características povoações das vertentes serranas, que são um milagre de equilíbrios, tal a incrinação da vertente.

Informados da extensão do Parque Campista do Cavalete, resolvemos ir lá ficar ainda nêsse mesmo dia.

Foi com grande esforço que a caravana subiu, os sacos ainda cheios e a marcha já realizada, justificava-o exuberantemente, tudo se consegue quando nos anima um justo fim.

A noite pela primeira vez, depois da organização oficial do campismo, viam-se no Parque do Cavalete, a 1.100 metros de altitude, com um céu coalhado de estrélas, o recorte branco e engraçado de oito tendas.

Já o sol era nado há mais duma hora, quando seguimos na escalada ao Pico de Trevim, o ponto mais alto desta serra a 1.204 metros.

Lá do alto espraíamos a vista para os longes—Caramulo, Estréla, Buçaco e mais longe a Serra da Boa-Viagem, já na tarja resplandecente do mar.

Depois de extasiarmos os olhos naquêl deslumbramento viemos até Santo António da Neve, onde almoçámos. Sítio próprio para um descanso á caravana. Boa sombra de seculares carvalhos e um óptimo relvado para uma soneca.

Lá estavam os velhos poços da neve, onde, nos invernos era recolhida para em carros de bois, seguir para Lisboa.

A «Côrte» já então gastava bastante e foi O Real dispenseiro da Neve. D. António de Castro, quem mandou construir a capela ao santo da devoção lisboeta...

## Oficina Mecânica

### DE MÁRMORES E CANTARIAS

Casa fundada em 1 de Janeiro de 1920

— DE —

## Aparicio Cardoso

Rua Voluntários da República, 56 TOMAR Telefone N.º 90

Encarrega-se de jazigos, campas, mausoleus, pedras para móveis e balções, frentes para estabelecimentos, cantarias para obras e todos os serviços que digam respeito á sua arte.

Enviam-se desenhos e orçamentos a quem os solicitar

Agente em Castanheira de Pêra e Região

## José Coelho Júnior

## Recortes da Imprensa

Em Lisboa na rua Carlos Mar- del, 95-1.º-dt.º, inaugurou no dia 1 do corrente uma agência de publicidade o Departamento Publicitário e Comercial, Ld.ª.

Os seus serviços constam da extracção de recortes da Imprensa do Continente e Ilhas, Colónias e Estrangeiro, sobre Literatura, Medicina, Cinema, Teatro, Música, Comércio, Indústria, etc. e ainda recortes do «Diário do Governo», que serão dactilografados em fichas apropriadas.

Estes serviços são de grande utilidade, pois facilitam a todos os seus assinantes interessantes colecções de recortes de grande valor, colados em apresentáveis impressos.

A' gerência da nova agência de publicidade desejamos muitas prosperidades.

## Agradecimento

João Rodrigues Soeiro Junior, do lugar do Troviscal, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por êste meio patentear o seu reconhecimento aos Ex.ªs Clínicos de Castanheira de Pêra, Senhores Drs. José Fernandes de Carvalho e Ernesto Marreca David, pelo desvelado carinho com que o trataram quando da sua grave doença e bem assim a todas as pessoas que se interessaram pela sua doença e o visitaram em Coimbra.

A todos o seu eterno reconhecimento.

Castanheira de Pêra, 4 de Agosto de 1945.

a) João Rodrigues Soeiro Junior

## A Renovadora

Oficina de Reparações e Reconstruções em todo o sistema de máquinas de escrever, somar, calcular e registadoras, etc.

Pessoal competente

MAIS DE 30 ANOS DE PRÁTICA

Garantimos todas as reparações

Sortido especial de acessórios para escritório

Oferece aos seus conterrâneos Castanheirenses os seus serviços em LISBOA na Rua do Arco Marquês do Alegrete, 78-4.º

Telefone 20370 P. F.

Tão certo como

1 e 2 serem 3



Torná-lo-emos rápida e economicamente GUARDA - LIVROS se seguir os nossos modernos cursos por correspondência. Peça folhetos grátis ao

INSTITUTO-LUSO-BRAILEIRO DE COMÉRCIO

Avenida Dr. Manuel Laranjera, 12. 1.º PORTO

N. B.: Não nos remeta dinheiro para selos.

# “Núcleo Campista a Paz”

O Campismo é uma actividade criada com o objectivo de fortalecer a formação das pessoas, normalmente até uma certa idade, pela vida em contacto e contemplação da natureza. Sendo assim, não se compreende por que seja tão pouco praticado, desconhecido por tanta gente. O Campismo fortalece nos a crença moral e cristã: põe-nos em frente da obra maravilhosa da Natureza, obra de um Deus todo Poderoso, criador e origem da fé de cada um. O Campismo fortifica-nos fisicamente: os ares das serras e dos campos, a vida ao ar livre são, as mais das vezes, a garantia segura de um viver saudável e confiante. O Campismo serve para todos, ricos ou pobres, fortes ou fracos, «velhos» ou novos, rapazes ou raparigas.

Além disso, o Campismo, praticado em comum, cria e estabelece laços de amizade que, graças ao bom espírito de uma camaradagem leal, sincera e íntima, de muito podem servir na vida de sociedade.

Enfim, o Campismo é uma actividade que só faz bem a quem a pratica. No entanto, é mal compreendido e, a sua prática activa, entre nós, portugueses, está resumida a meia dúzia de acampamentos anuais dos rapazes da Mocidade e a outros tantos ou menos ainda, levados a efeito por amadores, apesar de o nosso país a isso se prestar numa forma verdadeiramente excepcional, mercê do belo clima, dos bons campos e serras, do ar puro e límpido sol que disfruta este «jardim à beira-mar plantado».

Vamo-nos contentando, porém, com os poucos exemplos que aparecem, na prática desta actividade, os quais, ainda que poucos mas bons, demonstram quanto de útil, instrutivo e saudável encerra o Campismo.

Vêm estas considerações a propósito da estadia nesta vila de um grupo de rapazes e senhoras, componentes do «Núcleo Campista da Paz», de Lisboa. Modestos empregados de escritório, do comércio e indústria, cotizaram-se entre si, e resolvem todos os anos passar umas férias agradáveis, de 8 a 10 dias, mais ou menos: o ano passado calhou na praia, este ano no campo e, se Deus quizer, para o ano um passeio à muito portuguesa e encantadora Ilha da Madeira.

A boa vontade, o espírito de iniciativa, o entusiasmo por tudo quanto representa esforço e trabalho estão bem patentes no activo destes campistas amadores e praticantes, sobretudo.

Mas como fomos dizendo, esteve entre nós este grupo campista. Vindos de Lisboa, seguiram para a Louzã, escalando depois a serra, onde acamparam na Senhora da Piedade. Visitaram em seguida o Santo António da Neve, Trevim, e pernoitaram no Central. No dia 10, à noite, chegaram a esta vila, e acamparam nos Esconhais de Baixo. No dia seguinte, os campistas visitaram a Fábrica Cepas onde foram recebidos pelo sr. Fausto Cepas, tendo servido de cicerone o sr. José Montez Carrega; por outro lado o acampamento também teve muitas visitas durante o dia e, à noite, ainda mais, quando da realização do tradicional «Fogo do Conselho» para o qual foram convidados os donos e hospedes da Pensão Tibério.

Decorreu muito animado este sessão, tendo-se cantado lindas e folcló-

ricas canções, recitado versos e contado anedoctas. Os campistas foram muito aplaudidos e, a pedido destes, a menina Maria Alexandrina Pereira, neta do nosso bom amigo e assinante sr. Tibério Fernandes cantou também alguns numerozinhos que foram bastante apreciados pela assistência, sabedora já da bela voz da gentil menina.

No dia seguinte, o «Núcleo Campista da Paz», partiu de Castanheira de Pera, mas antes, visitou as nossas oficinas, tendo-lhes sido oferecido, em seguida, um Porto de Honra durante o qual se brindou pelas prosperidades do Grupo, do nosso jornal e da nossa terra. Os campistas na pessoa dos seus chefes, srs. Sacadura e Alfredo Martins, confessaram-se gratos pelo belo e cavalheiresco acolhimento que a Castanheira e os castanheirenses lhes prestaram e pedem, por in-

termédio de «O Castanheirense», para agradecerem de modo muito especial, aos donos da Pensão Tibério, ao sr. Pedro Ubirajara e aos nossos redactores, todas as amabilidades, favores e gentilezas com que os cumularam.

O «Núcleo Campista da Paz», seguiu para Figueiró dos Vinhos e, depois de passarem uns dias nas margens do Rio Zêzere, acamparão em Tomar até, nesta cidade, tomarem o combóio para Lisboa.

O campista também é poeta. Para isso vive em contacto e em contemplação com a Natureza, como dissemos, ao princípio. Se não o é pelos versos que não faz, é-o, concerteza, pelo seu pensar, pelos seus sentimentos. Transcrevemos a seguir, dois poemas do volume «Dispersos» que o seu autor, Francisco Domingos

Vieira, rapaz moço e componente do «Núcleo Campista da Paz», teve a condescendência e amabilidade de nos enviar, após a sua chegada a Lisboa, conforme nos prometera.

São bem simples, por sinal, mas reais e sugestivos:

## «As Estrélas»

*Lá longe, muito distantes  
brincando traquinas,  
muito brilhantes  
e mui pequeninas,  
estão as estrélas  
ornando os céus.  
Mas não são tão belas  
Como os olhos teus.»*

## «As Flôres do Campo»

*As flôres campestres  
De troncos verdes, delgados,  
que de tão finos  
são curvados  
pela brisa suave,  
de um tom claro ou vivo,  
fazem lembrar  
um sonho esquivo.  
E quando a brisa  
as faz baloiçar  
ondeando, pelo prado,  
até parece  
que o dia  
fica mais iluminado.  
com mais alegria.»*

Agradecidos ao moço campista e já talentoso poeta.

A terminar este modesto artigo-reportagem formulamos um desejo, que já vem de há muito aliás. A nossa terra cheia de lugares pitorescos e lindos, paisagens belas, pontos turísticos importantes, presta-se admiravelmente à prática do Campismo. Pena é que, só de tempos a tempos, seja visitada como agora foi.

A culpa, se existe, será de quem tem na sua mão o promover tudo quanto possa concorrer para o prestígio e bom nome de Castanheira de Pera. Tem-se feito alguma coisa neste sentido, mas parece nos que ideia, se é que a houve, morreu ao nascer.

Os senhores campistas de Portugal, devem volver os olhos para as belezas da nossa terra, da nossa serra.

Mas se dentro da nossa terra existissem campistas, já não dizemos campistas de pura gema, mas ao menos meia dúzia de rapazes que, com passeios, excursões, acampamentos, pela nossa terra, pela nossa serra, divulgassem o «quanto de bonito, admirável e belo ela encerra, veríamos um dia, concerteza, afluir mais visitantes, mais turistas, mais campistas a Castanheira de Pera.

Oxalá assim suceda. De resto não era nada de mais.

Saúde e Campismo!

## Livrarias Portuguesas

Já há bastante tempo que andávamos interessados em visitar as Oficinas Gráficas da Coimbra Editora, ao Arnado, limite da cidade de Coimbra. Fizemo-lo agora e, francamente, tudo quanto vimos nos agradou, sendo causa de surpresa o movimento ali observado.

O edifício é enorme e foi exclusivamente construído para o fim em vista. Ocupa uma área de 1880 metros quadrados, cabendo aos terrenos anexos 3700 centiares.

Tem uma excelente iluminação o que favorece sobremaneira os operários que lá trabalham, cerca de noventa.

Por amabilidade do gerente desta importante casa editora, sr. Alfredo Saraiva Faria, percorremos todas as secções. Na oficina de encadernação vimos algumas máquinas modernas que causaram a nossa admiração: uma de dobrar papel e outra de coser. Na de impressão tivemos oportunidade de conhecer uma outra automática que só evidentemente requeira a presença do operário. As máquinas a que acabamos de aludir são raras no nosso país.

Desde a fundação da «Coimbra Editora, Ld.ª», pelo doutor Guilherme Moreira, coadjuvado pelo Doutor Oliveira Salazar e outros Homens de grande prestígio, até aos nossos dias, a sua história é cheia de factos dignos de registos, sendo, dentre eles, o de maior valia, um desenvolvimento cada vez mais intenso de todas as actividades.

E' incontestável que de há seis anos a esta parte a «Coimbra Editora, Ld.ª» sofreu uma remodelação radical que se valorizou imenso. Essa remodelação deve-se ao seu actual gerente, pessoa que possui as qualidades indispensáveis a um bom orientador de serviços. Publicando aqui a sua fotografia não temos em vista nada mais do que prestar-lhe uma homenagem que merece.

Durante a nossa conversa com o sr. Alfredo Saraiva Faria abordamos um ponto importantíssimo em qualquer empresa: as condições de assistência aos operários. Tanto quanto

tem sido possível a «Coimbra Editora, Ld.ª» tem proporcionado ao seu pessoal bastantes comodidades. Damos relêvo ao balneário, últimamente pôsto à disposição dos que trabalham na casa, sem qualquer dispêndio para eles; segue-se-lhes o vestiário que pode servir de modelo a instalações desta natureza; possui também um refeitório, onde cerca de sessenta



personas tomam as suas refeições. Está em projecto o funcionamento duma cantina, melhoramento de grande valor.

Sob o ponto de vista recreativo há a mencionar a existência duma Orquestra Jazz formada por alguns aperários, Orquestra esse que tem abrilhantado inúmeras festas.

Pensa o gerente da «Coimbra Editora, Ld.ª»

poder construir em terreno das oficinas um campo de jogos. Belíssima ideia, sem dúvida, que apoiamos com entusiasmo, porque, depois do que vimos, concordamos que é uma lacuna que é preciso preencher.

A obra editorial desta casa é valiosa. Actualmente trabalha-se com afã na publicação dalgumas colecções, bem como na de outros livros dispersos, sendo digno de realçar a secção de livros jurídicos, sobejamente conhecidos no País. A «Coimbra Editora, Ld.ª» está lançando, com muita felicidade, alguns nomes novos nas letras portuguesas.

Reúne-os na colecção «Novos Prosadores».

Presentemente iniciou uma obra de divulgação de romance estrangeiro, traduzindo os melhores autores, alguns ainda desconhecidos no nosso País.

No dia oito de Agosto celebrou a «Coimbra Editora, Ld.ª» as suas Bodas de Prata. Na pessoa do seu activo gerente, sr. Alfredo Saraiva Faria, saúdamos a imprensa e o seu numeroso pessoal.

Brevemente apresentamos aos leitores de «O Castanheirense» a crítica a alguns livros recebidos desta casa, livros esses que desde já agradecemos.

## Manuel Brinca

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

Rua Ferreira Borges, 162, 2.º

(A PORTAGEM)

Consultório 303g  
Residência 350g

COIMBRA

# ALBERTO *Lopes*

Rua Duque da Terceira, 123—Telefone 4401

## PORTO

Maquinismos e seus pertences para as indústrias textis. Especialidade em correinhas e botas para aparato de cardas; correias de couro, atilhos e ganchos para coser correias; cordas de algodão, cordão para fusos e todos os acessórios em couro para teares. Fano riço verde. Cartão para prensa e teares. Cardo vegetal, etc., etc.

Quando terminar a guerra, não esqueça!

### L. FARGE, LIMITADA

estará novamente em condições de fornecer-lhe o algodão indiano que a sua indústria de lanifícios necessita E AGORA, continua à frente da concorrência na venda de **TRAPOS** de tôdas as qualidades e **DESPERDICIOS DE ALGODÃO**, para todos os fins

Consulte sempre a casa que tôda a indústria de lanifícios conhece

**L. Fargo, Limitada** R. do Freixo, 1201—PORTO  
Telef. Urbano 4494 e Estado 197 Telegramas: Egraf

Agentes | Castanheira de Pêra — José Coelho Júnior  
Covilhã — António Pereira Pais Espiga

# Eduardo Pereira Pinto & Filhos

Fábrica de Acessórios para Fiação e Tecelagem  
A maior organização no género no país

Liços metálicos em aço, Grampos de aço temperado, Calxilhas (Perchadas), Malhões e Tirantes, Molas espirais, PENTES, Latas de fibra Vulcanizada para Fiação, Cartões de aço para teares, Romanas, Bobines em madeira, Canelas, Lançadeiras de todos os tipos, Pinos de Madeira, Tempereiros, Pinças, Tesouras de tecelão, Ganchos para coser correias, etc, etc.

### PREÇOS CONVINDATIVOS

Esta casa tem sempre para entrega emediata todos os artigos do seu fabrico.

Em Castanheira de Pera queiram dar as vossas encomendas ao nosso Agente: JOSÉ COELHO JUNIOR—Telefone 16, o qual tem em depósito os nossos artigos.

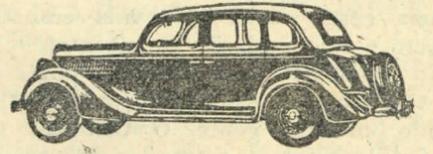
Fábrica e Escritório: R. Duque de Saldanha, 150

TELEFONES P. B. X. ) Fábrica 1668  
Escritório 1313

Endereço Telegráfico: DORATO

## PORTO

# Automobilistas!...



## Produzir e Poupar

Entregando os vossos pneus à

é ter	<i>Vencedora</i>	é
certeza	<i>Castrense</i>	poupar
de		dinheiro
produzir		pela sua maior
maior número de		duração
quilómetros		

## Fábrica de Recauchutagem

Avenida 28 de Maio, 97 • VISEU

## Carreira Diária de Passageiros

### BOLO—LISBOA

Castanheira de Pêra, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa  
Concessionários:

Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.<sup>da</sup>

Séde—FIGUEIRÓ DOS VINHOS—Telefone 5

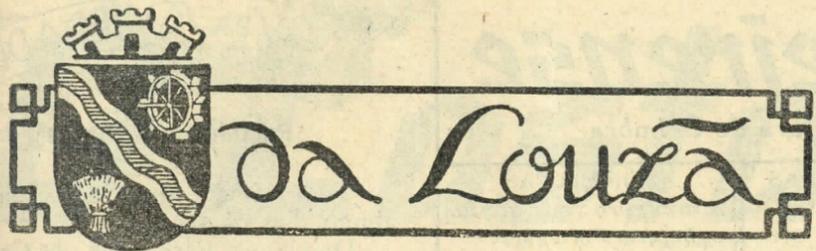
	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pêra	6,10	6,15	Sacavem	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,25	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavem	14,20	14,20	Castanheira de Pêra	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

## Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Coentral	—	17,50
Bolo	5,55	—	Bolo	18,50	—

Efectuam-se às sextas-feiras || Efectuam-se às quintas-feiras

Garage em Lisboa Auto-Lys R. da Palma-Tel. 21363



## As festas da Louzã

Prosseguem inalteravelmente os festejos na Alameda Carlos Reis, a favor da Misericórdia da Louzã, que o mesmo é dizer, do seu Hospital.

No passado domingo veio o magnífico Rancho de Coimbra, tendo vindo no anterior o de Santo António dos Olivais. Quer um quer outro são excelentes, chamando por consequência, ao recinto dos festejos uma numerosa concorrência, ansiosa por verem o garbo e a graça dos referidos Ranchos—a alma d'êste festivos.

E assim vão os louzanenses de bom gôsto—a trôco dum misero escudo, pela entrada no recinto destas diversões—concorrendo para a assistência duma obra genuinamente humanitária, e passando agradavelmente umas ligeiras horas, esquecidas, possivelmente, das mágoas que esta vida terrena tem...

## Mais festas

Em Vilarinho, a 5 quilómetros desta vila, realizam-se, também, grandes festejos nos próximos dias 25, 26 e 27 do corrente mês, constando de várias e atractivas diversões, promovidas por um grupo de môços, convicentes de que esta vida são dois dias e que não só de pão vive o homem...

O programa é vistoso e sugestivo revertendo o produto destas festas—diz— em beneficio dos pobres de Vilarinho.

Durante aqueles dias ouvir-se-á a música do tradicional *Zé Pereira*.

## Incêndio

Há dias declarou-se incendio num pinhal pertencente ao sr. dr. Moutada, do Freixo, no Vale das Egoas, alastrando o fogo por uma grande área de terreno, o qual foi extinto pelo povo que, com enxadas, visto não haver água no sítio, cortou o mato em volta evitando, assim, que o lume irrompesse por maior extensão.

Comparceram os bombeiros municipais da Louzã com o seu «pronto socorro».

\*\*\*

E, a-propósito dos bombeiros, torna-se preciso que a Câmara repare o caminho vicinal que, da estrada macadamizada, segue pela povoação da Rogela, para a Baque e Serpins, mórmente no sítio da Cachocha, onde o «pronto-socorro», por milagre, não deu um trambulhão, precipitando-se numa ribanceira, em virtude do estreitoso e péssimo caminho.

Sabemos que a sr.ª D. Maria do Espírito Santo, da Quinta da Cachocha; cferece o terreno necessário para o alargamento daquêle caminho, aliás torna-se impossível aos bombeiros exercer a sua humanitária missão em casos urgentes como são os do fogo.

## Em férias

Junto de suas famílias, desta vila, encontram-se a passar as chamadas férias grandes, os estudantes que freqüentam o Liceu de Coimbra e a velha Universidade.

—No Freixo—também em férias—tivemos o prazer de cumprimentar o nosso amigo, sr. dr. Aires Pedroso de Lima, digno assistente na Faculdade de Ciências da referida Universidade de Coimbra.

—Igualmente cumprimentámos o sr. Juvenal Ventura Sêco, do Casal do Espírito Santo, digno Delegado da Intendência Geral dos Abastecimentos em Rio Maior.

—Também junto de sua família, no Freixo, se encontra a sr.ª dr.ª D. Maria do Espírito Santo, conceituada professora no Colégio Tomaz Ribeiro, Tondela.

## Uma data histórica

Faz hoje—14 de Agosto—precisamente 560 anos que nos campos de Aljubarrota, se feriu uma notável batalha entre Portugal e Espanha, decidiu-se duma maneira brilhante, grandiosa—milagrosa diremos—da sorte de Portugal, da sua independência e razão de ser como Nação livre que sabe o que quer e, de modo algum, queria o castelhano a dominá-la.

E pensamos nós que um *minúsculo exército*—um punhado de bravos portugueses—levou de vencida, naquele memorável dia de 1385, o luzido e bem equipad *exército castelhano*, numericamente quatro vezes superior ao *nosso*, dá-nos o glorioso feito um indefinível gôsto de sermos portuguezes e vivermos numa Pátria, cuja História tem páginas dum colorido raro, verdadeiramente estonteante!

## Para terminar

—«Ou o pai me dá dinheiro, ou resolvo...»

—Suicidar-te, já sei!

—Quási... resolvo trabalhar!»!

14-VIII-45.

Barata de Mendonça

## Dr. Albano Coelho

INTERNO DOS HOSPITAIS

Ouvidos, Nariz e Garganta  
Operações

Calçada do Carmo, 6, 1., D. (Rossio)

Telefone 22070

LISBOA

Consultas às 17 horas

## Henrique Lacerda

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos

Telefone n.º 2

## De Aljubarrota à Restauração

(Continuação da primeira página)

tre Boccacio». (pag. 8), Deniz, repito, com seu activo, superior a todo o encomio, aparece e radica-se como figura proeminente na história dos Descobrimentos marítimos, não ofuscando aliás outras de justo brado inextinguível.

O aludido Afonso 4.º, que Lopes de Mendonça menciona, filho era e sucessor foi do mesmo Deniz, sendo em seu tempo que os portugueses atingiram as ilhas Canárias.

Clemente 6.º, pontífice romano, de 1342 a 1352, investiu na propriedade destas ilhas o espanhol Luiz Espanha, aparentado Afonso XI.º rei de Castela e genro do nosso Afonso, que lhe solicitára essa investidura, «a preterato de desejar estabelecer ali a Religião Cristã (*Histoire Abrégée des Papes*, tomo 2.º, pag. 92—Amsterdã, 1776), logo que realizasse a sua conquista; o que nunca ocorreu».

Em *Portrait Politique des Papes*, por Juan-António Llorenté, tomo 2.º,—Paris e Rouen, 1822, acrescenta-se que Clemente impuzera a Luiz Espanha, «como condição, o êle reconhecer-se vassallo e tributário da Santa Sé, convido em que o país ficasse feudo apostólico...» (pag. 127).

Semelhante investidura levou Afonso 4.º a protestar, numa célebre carta, que dirigiu áquele pontífice e cujo original se encontra no Livro n.º 138, fls. 148 e 149, do «Arquivo Secreto do Vaticano», citado no curioso artigo, da autoria de Faustino da Fonseca, abrindo o texto do n.º 7, vol. 2.º, Abril de 1916, de *Anais das Bibliotecas e Arquivos de Portugal*, que insere a aludida epistola traduzida e no Fac-simile, obtido directamente de Roma, quando o dr. Eusebio Leão exerceu na cidade eterna as elevadas funções de nosso representante diplomático.

«Em linguagem incisiva e respeitosa, o monarca portuguez escreve: «diremos reverentemente, por sua ordem, que os nossos naturaes foram os primeiros que acharam as mencionadas ilhas. E nós atendendo a que as referidas ilhas, estavam mais perto de nós do que de qualquer outro príncipe, e a que por nós podiam mais comodamente subjugar-se, dirigimos para ali os olhos do nosso entendimento, e desejando pôr em execução o nosso intento, mandámos lá as nossas gentes, e algumas náos para explorar a qualidade da terra, as quaes abordando às ditas ilhas se apoderaram por força de homens, animaes, e outras cousas e as trouxeram com grande prazer aos nossos reinos. Porem...».

Portanto, não resta dúvida sobre navegação descobridora por portugueses, precedendo o seu aureo período.

Vou transcrever de *A Acção Marítima dos Portuguezes*, do sábio matemático, dr. Costa Lobo, a lume em 1929, uma página de preciosa modalidade para aqui, a décima nona: «Nos meados do século XIII eram usadas diversas espécies de embarcações: fustas, barcias, barquetes, burcias, burcatos, tricatos, caravelas, pinaças, naves; e no tempo de D. Denis foram construidos barcos de 100 tonéis.

Nos principios do século XIV as

armadas de Portugal são um elemento de particular importância nas acções militares. Em 1 de Fevereiro de 1317 é contratado o genovês Manuel Pessanha, e nomeado almirante. Em 1340 as nossas fôrças navais reuniram-se ás de Castela, Aragão e Génova para lutar contra os mouros, e em 1341 uma esquadra portuguesa junta com outra de Castela venceu os marroquinos. Em 1342 e 1349 as galés portuguesas, em grande número, socorrem as armadas de Castela. Em 1369 uma frota composta de 28 galés, 4 galés fretadas e 30 naus foi bloquear a Andaluzia.

No tempo de D. João I já eram construidas naus de 100 tonéis, e usava artilharia de bordo, Verificasse que êste grande Rei se occupou desde os primeiros anos do seu reinado com a organização da marinha portuguesa, aproveitando os importantes recursos que os seus antecessores lhe legaram e por isso pôde realizar a expedição de Ceuta em 1415 com uma armada, segundo Pizarro, composta por 63 náus, 59 galés e 12 barcos menores, ao todo 242 embarcações, nas quais seguiram cerca de 50:000 homens; e em 1455, para a conquista de Alcácer Ceguer, embora haja divergência sobre o número de navios desta expedição, não deveria êle ser inferior a 220, em que foram conduzidos mais de 20:000 homens. Tanto os srs. Gago Coutinho como Quirino da Fonseca têm dado preciosas informações sobre as belas qualidades dos barcos que os portugueses construíram e aproveitaram para as suas descobertas, e é indubitável que admiráveis serviços prestaram as caravelas com que Bartolomeu Dias dobrou o Cabo da Boa Esperança e que não excediam 50 tonéis.

E' assombrosa a coragem que os nossos marinheiros evidenciaram usando acometer o mar imenso e misterioso em tam reduzidas embarcações, mas de certo a sua construção tinha sido bem estudada e muito contribuiu para o êxito das nossas empresas facilitando a aproximação das costas.

No entanto forçoso foi reconhecer que com mares encapelados, como se encontravam nas visinhanças do Cabo, não era possível arrostar com tam frágeis navios, e por isso D. Manuel mandou construir barcos de mats de 100 toneladas, que foram aproveitados na expedição com que Vasco da Gama fez a sua triunfal viagem à Índia. Antes de terminar esta rápida referência às nossas construções navais, em que os portugueses deram sobejas provas das suas admiráveis qualidades de constructores, é preciso acrescentar que, embora para atender aos receios da aproximação das costas desconhecidas, fôsem preferidos os bacos de pequena tonelagem, também sabiam construí-los de considerável tonelagem para a época, chegando à construção de barcos de 1:000 toneladas, tamanho duma nau de D. João II.»

F. NORONHA

(Continúa no próximo número)

Anunciar em  
**O CASTANHEIRENSE**  
é contar com êxito certo.

# Piparotes

1 Na região houve férias e como tal na tipografia resolveram também dá-las a esta secção'

2 Cada um aproveitou as férias da maneira que melhor entendeu.

Um dos nossos categorizados... amigos, lembrou-se de ir de visita a um amigo, procurando-o onde quer que estivesse. E é que conseguiu localisá-lo e para isso uzou de todos os meios de transporte, tendo até utilizado a importadte empresa E.V.A. que tem uma—bestial—collecção de veiculos que encantaram aquele amigo, pois, pouco saindo daqui, nunca tinha visto material tam bom... E agora, com muito entusiasmo e mil gestos, é apreciado a contar aos diversos—pás—de sua convivência, as maravilhas de Lisboa... Sim, subiu dois pontos de categoria... já viu Lisboa e até a Feira Popular com as suas barracas diversas onde há bom vinho verde que faz perder a direcção...

3 Passou por aqui um Grupo Campista com os característicos trajos de tais práticas desportivas, como é natural. Natural não o achou muita gente que admirou tal indumentária. Mas quem ficou admirado, foi o tal Grupo por tanta admiração... que só representa atrazo de civilização.

4 A rapaziada estudantil está em férias e anima um pouco mais a pacatez desta pacatíssima terra, mas mesmo assim a animação não é muita. Haja mais vida e façam algo que se veja, sem se tornarem—atómicos.

5 Depois de escrito o—eco—acima chega ao nosso conhecimento de que alguns «meninos» na verdade se tornaram «atómicos» pelos seus actos. Se é verdade que a juventude muito se deve perdoar, também é verdade que tudo tem limites e por isso se aconselha a máxima compustura e correcção nos actos que em público se praticam.

6 Ultimamente há uma série de cavalheiros que depois de fecharem os cofés ainda se julgam no direito de incomodar quem está a descansar e em plena praça e outras ruas uzam fazer a barulheira que lhes dá na real gana. O que admira é que a GNR que perto fica não acorde com o barulho...

7 Lá para as bandas do celeste império foi tudo por agua abaixo. Não foi possível ao estadista Kantero, sucessor de Koiso, mesmo com o apoio do general Kaggawa, manter-se em boa forma. Até o Mikado se foi abaixo... Oxalá que seja por muitos e bons e que a paz reine no mundo.

REDACTOR V.

## Propriedades

Vendem-se nesta vila casas de residência com quintal e arvores de fruto, terras de semeadura de seca e rega e bem assim terreno de pinhal. Quem pr tender dirija-se ao procurador senhor Abilio Francisco Correia.

# O Castanheirense

Visado pela Comissão de Censura de Coimbra

ASSINATURAS: Quadrimestre 7520 Cobrança pelo correio mais 1500	PUBLICA-SE NOS DIAS 1, 10 e 20 DE CADA MÊS	ASSINATURAS Estrangeiro: ano 41\$10 Império Português: ano 33\$60
---	--	--

## Sapateira

### Festa de Nossa Senhora da Guia

Conforme noticiámos no nosso último número, realizou-se no passado dia 19, a tradicional festa de Nossa Senhora da Guia.

Embora não tivesse o êxito que habitualmente ousava ter, decorreu animadamente.

De acordo com o programa, a festa teve início com a costumada missa, seguindo-se mais tarde a procissão que embora simples, mostrou boa organização.

Os festejos foram abrilhantados pela Banda de Música do S. N. P. da I. de Lanifícios.

Os organizadores empregaram toda a sua actividade, para que os festejos tivessem a concorrência que lhe é merecedora.

E' pois de louvar.

C.

## Nova professora

Já faz a sua inscrição no quadro de professores agragados do ensino primário do distrito de Leiria a menina Aida Mendes da Silva, filha do nosso amigo sr. Eduardo Silva que há pouco fez exame de E-tado com a alta classificação de 17 valores.

## Visitas

Estiveram nesta vila em serviço dos seus cargos os srs. capitão Paula Santos, digno Delegado distrital da I.G.A., acompanhado do chefe da Delegação daquele organismo em Leiria, senhor José Gonçalves.

—Visitou também esta vila a sr. coronel Pereira, Inspector da Intendência Geral dos Abastecimentos, em serviço de inspecção à Comissão Reguladora do Comércio local.

## Visitas à nossa redacção

Estiveram na nossa redacção os srs João Pedro, comerciante em Tomar, José Lopes Antão, Manuel Santos Bento e Manuel das Neves, do Coentral e residentes em Lisboa.

## Dr. Abilio Fernandes Tome

No lugar de Pêra na companhia de sua Ex.<sup>a</sup> esposa tem estado de visita a sua familia o sr. Dr. Abílio Fernandes Tomé, médico em Sobrelra Formosa, onde tivemos o prazer de o cumprimentar.

## Manuel Simões Bento

Restabelecido da grave doença que o reteve no leito durante longo tempo e que o obrigou a fechar a sua barbearia, nesta vila, vem informar aos seus Ex.<sup>mos</sup> clientes que abriu de novo o seu estabelecimento onde como anteriormente continua a servir a sua presada clientela.

## Limpeza de ruas

Eternisa-se o serviço de limpeza e parece que sendo feito sem a devida orientação como se depreende pela execução á vista, não mais se chega a um fim. E' preciso depois de tudo limpo, manter essa limpeza e não permitir que façam das vias públicas vasadouro. Apliquem-se as posturas e as multas que o Código indica para que todos se habituem a higiene indispensável, especialmente nesta época de calor.

Não haverá ainda água bastante para dar uma lavagem ás ruas principais da vila?

E', serviço que se impõe para acabar com tanto pó que para aí há e focos de mosquitos aqui e ali.

## Alda S. José Oliveira

De Coimbra regressou já a Sr. D. Alda S. José Oliveira, Chefe da Estação C. T. T. nesta vila e dedicada esposa do nosso amigo sr. Gil Alexandre Bebiano, que naquela cidade se submeteu a uma operação. Felizmente o seu estado é satisfatório e com isso nos congratulamos.

## Doentes

Têm estado doentes os srs. Cipriano Duarte Prior, José Alves da Silva, João Alves da Silva e José Alves Bernardo, desta vila. Ultimamente têm inspirado melhoras.

Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

## CASA DOS LINHOS

TEIXEIRA DE ABREU & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>  
32, 33, 34—Largo 28 de Maio  
35, 36, 37—GUIMARÃIS

Fabrico especial de panos de linho, atalhados, panos de algodão cochas e bordados regionais

PREMIADO NA EXPOSIÇÃO DE PARIS

Guarda-livros - Contabilista Diplomado, conhecendo linguas bom orientador e activo, longa prática, Informa Francisco S. Agria Júnior Figueiró dos Vinhos

## Vai a Lisboa?

Hospede-se na PENSÃO CASTANHEIRENSE, junto à Igreja de S. Domingos, a mais central de Lisboa

Luxuosamente ampliada, com esplêndidos quartos. Optimo serviço de mesa e a preços acessíveis, Máxima seriedade

Rua dos Correios, 264, 2.º dt.º e Esq. — Telef. 28454 em todos os andares



## Partidas e chegadas

Têm estado nesta vila a passar alguns dias os srs.:

Domingos Fernandes de Carvalho, sócio gerente da firma D. F. Carvalho & C.<sup>a</sup>, Ld.<sup>a</sup>, de Lisboa.

—De visita a seu pai sr. Dr. Marcolino da Silva, encontra-se nesta vila com sua esposa o sr. Dr. José Bebiano H. Silva Correia, conservador do Registo Civil e Juiz do Julgado Municipal de Alvaiázere.

—Engenheiro Jorge Bebiano Coimbra, de Lisboa.

—Pompeu Coelho, comerciante em Torres Novas.

—Joaquim Alves, guarda-livros em Mação, nosso antigo e dedicado colaborador.

—Armando H. Carvalho Nascimento, empregado no comércio em Coimbra.

—Fernando Tomaz, empregado no comércio em Lisboa.

—José Domingues, sua esposa e filho, empregado da firma, Sociedade Lisbonense de Papelaria, Ld.<sup>a</sup>, de Lisboa.

—Torcato Alves de Carvalho Rosinha, esposa e filho, guarda-livros da fábrica de lanifícios da Chemina.

—José Simões Correia, de Unhais da Serra.

Na Gestosa tem estado em casa de seu cunhado sr. Manuel Carvalho Junior, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Fernanda Gouveia Alves e sua filha que recentemente chegaram de Angola. Acompanhadas daquelle nosso amigo, seguiram para as terras do Gerez.

—Também na Gestosa estão a passar alguns dias os srs. Américo Coutinho Antunes, empregado no comércio e Alexandre Henriques Serrano, estudante, de Lisboa.

—No Bolo o sr. Alvaro Simões, comerciante, sócio da firma Neto & Simões em Lisboa, fazendo-se acompanhar de sua esposa.

—Em Pedrógam Grande, está em goso de férias o sr. Dr. António Simões Leitão, que se faz acompanhar de sua mãe sr.<sup>a</sup> D. Amelia S. Leitão e sua irmã D. Marcelina C. Simões.

—Nas Sarzedas tem estado de visita a sua familia o sr. Eudoqueze Fernandes que se faz acompanhar de sua esposa e filha.

—De passagem para a Figueira da Foz estiveram nesta vila onde os cumprimentámos os srs, Viriato e Manuel de Barros, industriais de lanifícios em Alenquer.

—Para a Costa do Sol seguiu, acompanhado de sua esposa o sr. José Paulo C. Proença, tesoureiro da Agência da Caixa Geral de Depósitos nesta vila.

Regressaram da Figueira da Foz, o sr. Manuel Francisco Carvalheira, esposa e filha; Armindo Fernandes, esposa e filha; Alberto da Encarnação Coelho, com sua esposa, e Aurélio Henriques Lopes, industriais de lanifícios.

—Também regressaram de Lisboa os srs. Artur Coelho Antunes, armazenista de lanifícios; Manuel Barata Salgueiro e Aurélio Lopes Antunes, industriais de lanifícios.

—Regressou das Pedras Salgadas o sr. Joaquim Natividade Rodrigues, guarda-livros da firma Tomaz Costa & Irmão, Ld.<sup>a</sup>.

—Do Luso regressou o sr. Manuel Lopes Henriques e sua esposa, industrial de lanifícios.